

OS AGENTES DA BACIA DO CÔA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: ESTUDO EMPÍRICO

Ascensão Maria Martins Braga
José Carlos das Dores Zorrinho
Felisberto Marques Reigado

RESUMEN

A Sociedade da Informação é, actualmente, uma realidade à qual os indivíduos, as organizações, os países e as regiões não poderão ficar indiferentes. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação afectam o quotidiano facilitando o acesso rápido à informação que por sua vez permite enfrentar novos desafios e aproximar as regiões mais isoladas. Mas nem todas as regiões estão preparadas para participar activamente na Sociedade da Informação. Este trabalho pretende saber, a partir das experiências de desenvolvimento da Sociedade da Informação em regiões desfavorecidas da União Europeia, se os agentes de desenvolvimento da Bacia do Côa (interior Norte de Portugal) reúnem as condições essenciais para o desenvolvimento da Sociedade da informação.

PALABRAS CLAVE: Sociedade da Informação, Desenvolvimento Local, Novas tecnologias

ABSTRACT

The Information Society is actually a reality, which the citizens, the organizations, the countries and the regions cannot be indifferent. The development of the Information and Communication Technologies affects the everyday facilitating the fast access to the information that allows to face new challenges and to approximate the most isolated regions. But not all the regions are prepared to announce actively the Information Society. This work intends to know, if the development agents of Bacia do Côa (North interior of Portugal) gather the essential conditions for the development of the Information Society, starting from the European Union experiences.

KEY WORDS: Information Society; Local Development, New Technologies

1- INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é caracterizada por inovações tecnológicas e transformações sociais que afectam as formas de produção, os relacionamentos e a vida dos cidadãos, em resultado de um conjunto de mudanças que ocorreram ao longo das últimas décadas do século XX. Um dos factores que tem contribuído para esta mutabilidade é o desenvolvimento das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) que assumem um lugar fundamental no acesso rápido à informação, tocando praticamente em todos os aspectos da vida económica e social permitindo eliminar barreiras de tempo e espaço, assim como, promover a interactividade em diferentes formas.

O desenvolvimento acelerado das NTIC impulsionou a globalização e a abertura a novos mercados que, por sua vez, requerem novas estruturas de negócio, nova mentalidade e cultura, bem como novas competências que exigem habilidade para aprender a adaptar e a desenvolver capacidades fundamentais ao desenvolvimento dos territórios.

2- O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NAS REGIÕES

Durante os anos noventa a Europa deparou-se com problemas ao nível do crescimento económico, da competitividade e do emprego. Paralelamente, viram-se agravadas as disparidades de desenvolvimento entre as várias regiões da Europa, passando a coesão económica e social a surgir como um dos principais objectivos da União Europeia (U.E.) e o desenvolvimento da Sociedade da Informação (SI) a ser uma aposta real.

O primeiro plano de acção da U.E. para a Sociedade da Informação, surgiu no Conselho de Corfu (1994)¹⁴⁵. Mas a rápida evolução das tecnologias e dos mercados exigia um novo dinamismo à política comunitária para a SI, tornando-se necessário uma política europeia integrada com novas perspectivas que reflectissem as problemáticas do contexto actual, o que veio a acontecer mais recentemente (na transição para o século XXI), com os Planos de Acção Integrados eEurope, capazes de responder transversalmente aos desafios provocados pelo desenvolvimento da SI, com a ajuda de uma coordenação aberta e complementar das iniciativas comunitárias, nacionais e regionais.

Os impactos da mundialização, da concorrência e do rápido desenvolvimento tecnológico são uma realidade e fazem-se sentir não só ao nível dos países mas também das suas regiões. A U.E. reconhece que as regiões desempenham uma função chave na transição para a SI, tendo esta implicações directas no potencial de desenvolvimento daquelas constituindo, simultaneamente, uma oportunidade e um desafio na medida em que a utilização das TIC dão um contributo essencial para a competitividade regional e para a coesão social. A rápida difusão das TIC oferece novas oportunidades e novas perspectivas de desenvolvimento para as regiões mais isoladas e mais pobres se aproximarem das mais desenvolvidas, facilitando uma localização mais eficiente do investimento¹⁴⁶. Em paralelo, o fenómeno da globalização faz com que a competição entre regiões seja mais profunda, onde as vantagens competitivas são medidas pelo potencial de inovação dos territórios e pela sua capacidade de aprendizagem e de adaptação. Por seu lado, as regiões são detentoras de uma estrutura idónea que facilita a coordenação e a planificação de estratégias adequadas à diversidade económica e cultural podendo, assim, explorar as suas áreas de especialização e atrair novas actividades de valor acrescentado.

Também é importante considerar as características sociais, culturais e ambientais da região, suas experiências, história, cultura, bem como, os conhecimentos acumulados, que vão influenciar o comportamento destas em relação à concorrência, ao progresso tecnológico e às mudanças institucionais. Segundo Bolaño; Melo (2000), os factores culturais devem ser vistos como portadores de vantagens competitivas e não como impeditivos do desenvolvimento, eles “podem ser determinantes de inserção num mundo globalizado definidores de afinidades das diferentes regiões com heranças culturais afins e facilitadores de laços económicos e políticos” (Sicsú; Melo, 2000 p.57) e são as próprias regiões que constroem as suas vantagens comparativas mantendo a sua autonomia e competitividade (Maillat,1986). Na competição internacional a atractividade de um local édeterminada pela

¹⁴⁵ “A via Europeia para a Sociedade da Informação” COM (94) 347 final.

¹⁴⁶ Pela eliminação de barreiras contra a instalação das empresas fora dos centros urbanos e constitui um grande potencial para o desenvolvimento de novas formas de emprego (por exemplo: teletrabalho) e postos de trabalho mais qualificados.

qualificação...e pela velocidade com que a informação se torna disponível” (Herbert Paiarl)¹⁴⁷. As regiões proporcionam uma estrutura para integrar e aplicar serviços telemáticos adoptando uma perspectiva regional e tornando-se sensíveis à importância da integração; oferecem a possibilidade de gerir e avaliar o impacto da eficiência do progresso da SI, sendo ao mesmo tempo agentes da mudança social. Neste sentido, as iniciativas oriundas das regiões são consideradas um potencial de desenvolvimento da U.E.¹⁴⁸ na medida em que podem fazer valer os seus atractivos em termos de localização e intensificar contactos com outras zonas da Europa através da utilização das TIC’s.

“É nesta perspectiva e tendo presente que a SI pode melhor responder às necessidades locais, considerando as condições de cada território e não partindo de um modelo abstracto da SI, que surgiram as primeiras propostas da participação das regiões na SI através da iniciativa **IRISI** – Inter-Regional Information Society Initiative, financiada por fundos estruturais, cujos resultados encorajaram o lançamento de iniciativas idênticas a outras regiões europeias (22 regiões menos favorecidas da U.E), através da iniciativa **RISI**- Regional Information Society Initiative (1996) que pretendia ajudar a tornar a SI e as suas aplicações num importante factor de desenvolvimento para zonas desfavorecidas, através da criação de iniciativas regionais que aumentassem a consciencialização dos cidadãos para a SI empreendendo demonstrações piloto, preparando a discussão à volta da entrada das NTIC e procurando a incorporação da SI como um claro objectivo no plano de acção e o envolvimento das autoridades regionais.

O objectivo principal comum a todos os projectos consistia em preparar a região para a SI, incentivando o uso sistemático das TIC nos diversos sectores e dotar a região de infra-estruturas que tornassem as TIC acessíveis a todos os cidadãos, melhorando a sua qualidade de vida. A prossecução deste objectivo passava pela elaboração de uma estratégia e plano de acção para o desenvolvimento da SI na região e por um conjunto de acções a desenvolver, com o intuito de desenvolver consensos, parcerias, empenho e cooperação entre os intervenientes-chave regionais.

Estes projectos, apesar das especificidade de cada um, tinham áreas estratégicas de intervenção comuns, que visavam assegurar a igualdade de oportunidades no acesso à informação; favorecer a integração social dos grupos mais desfavorecidos; melhorar o acesso do cidadão à oferta de formação e laboral; aproximar a Administração Pública e as restantes instituições do cidadão; divulgar os benefícios da SI; aplicar as novas tecnologias da informação e comunicação às pequenas e médias empresas, à formação, à educação, à saúde, etc; criar infra-estruturas de telecomunicações; e impulsionar a industria regional de conteúdos.

3- METODOLOGIA

Com base numa análise efectuada aos diversos projectos RISI e de forma mais aprofundada ao *Nokis* (Finlândia) e ao *Infordex* (Espanha), procurou saber-se junto dos principais agentes de desenvolvimento regional/local da região da Bacia do Côa (Portugal), qual a sua opinião sobre o comportamento da região frente à SI e em que medida esta região poderá reunir algumas condições de sucesso encontradas nos projectos RISI.

¹⁴⁷ Ministro da Economia e Telecomunicações da Styrie (Austria, 1998).

¹⁴⁸ Relatório “Europa 2000 – Uma visão de conjunto para o desenvolvimento do território da Comunidade” (COM, 1991).

A região da Bacia do Côa está inserida numa região mais ampla e abrangente, a Beira Interior Norte, com excepção do concelho de Vila Nova de Foz Côa. A Bacia do Côa, integra oito concelhos do distrito da Guarda: Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Mêda, Pinhel, Sabugal, Trancoso e Vila Nova de Foz Côa, que no seu conjunto ocupam uma área de cerca de 4100 Km². Trata-se de uma região com 110.850 habitantes (INE, 2001) e que tem vindo a sofrer decréscimos populacionais a par de uma população envelhecida e com baixos níveis de instrução. A estrutura socio- económica tem vindo a sofrer alterações nas últimas décadas e o elevado peso do sector primário, característico desta região, tem vindo a perder peso em favor dos sectores secundário e terciário. Ao nível industrial predomina uma estrutura industrial de pequena dimensão e pouco diversificada. Trata-se, segundo Natário et al. (2004), de uma região pobre com limitada base tecnológica, com uma fraca atitude de gestão face à modernização e uma relutante cooperação entre empresas, universidades e centros de investigação.

3.1- AMOSTRA

Uma vez definida a população¹⁴⁹ e na impossibilidade de se efectuarem entrevistas a todos os agentes/actores identificados, foi seleccionada uma amostra de categoria não aleatória, tendo sempre em mente o cuidado com a representatividade (Vicente et al, 2001, p.37), que conseguisse abarcar um conjunto diversificado de agentes/actores com conhecimento profundo da problemática em apreço.

Neste sentido, a amostra foi construída, para um primeiro conjunto de elementos (Poder Autárquico), pelo recurso ao método de amostragem intencional- composta por elementos seleccionados intencionalmente pelo investigador por considerar que possuem características representativas da população (Vogt, 1993)¹⁵⁰. Esta escolha justifica-se pela importância da necessidade de assegurar a integração de pelo menos um Organismo comum a cada um dos oito concelhos e por estas entidades serem as que melhor representam o Poder Autárquico, além de que são entidades públicas relevantes envolvidas na problemática e na prossecução do desenvolvimento regional.

Para o segundo conjunto de elementos foi utilizado um misto dos métodos de amostragem intencional e por conveniência. Desta forma, começou-se por privilegiar a presença de cada um dos sectores representativos das forças vivas da região (amostra intencional) e, posteriormente, uma amostra por conveniência, onde a selecção depende da disponibilidade e da acessibilidade dos elementos que constituem a população alvo (Reis, 1997, p.39). Na escolha deste último método pesaram as limitações de tempo para a prossecução do trabalho e o conhecimento de experiências anteriores que faziam prever dificuldades na obtenção de entrevistas, como se veio a constatar para diversos casos.

A amostra assim delineada apontava para vinte e seis (26) elementos dispersos geograficamente pelos oito concelhos que compõem a Bacia do Côa, respeitando as amostras dos estudos qualitativos, onde é dada mais importância à profundidade da entrevista do que propriamente à amplitude da amostra (Helfer; Orsini, 1996, p.103). Desta amostra só foi possível realizar vinte e quatro (24) entrevistas, apesar de várias tentativas.

¹⁴⁹ Procurou-se abranger as principais áreas de intervenção dos projectos piloto europeus analisados anteriormente, incluindo o sector público e o sector privado.

¹⁵⁰ Referido por Vicente et al (2001, p.71).

Tabela 1- Agentes de Desenvolvimento na Bacia do Côa

Nº Entrevista	Identificação do agente de desenvolvimento local/regional	Função que desempenha
E1	Direcção Regional Agricultura da Beira Interior – Guarda	Técnico Superior
E2	Associação de Agricultores do Distrito da Guarda- Guarda	Técnica
E3	Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas- Guarda	Director
E4	Câmara Municipal Figueira Castelo Rodrigo- Fig. C. Rodrigo	Vice-Presidente
E5	Associação Jovens Agricultores da Beira Interior- Pinhel	Ex-Presidente
E6	Câmara Municipal Vila Nova de Foz Côa- Vila N. Foz Côa	Presidente
E7	Parque Arqueológico do Vale do Côa- Vila N. Foz Côa	Director
E8	Instituto Emprego e Formação Profissional- Guarda	Director
E9	Associação Desenvolvimento Rural Cidadelhe- Guarda	Direcção
E10	Câmara Municipal Pinhel- Pinhel	Vice Presidente
E11	Associação Comercial da Guarda- Guarda	Presidente
E12	Associação Desenvolvimento Melhoramentos Estrela- Guarda	Elemento da Direcção
E13	Ação Integrada Base Territorial do Côa	Director
E14	Câmara Municipal Trancoso- Trancoso	Adjunto Presidente
E15	Associação Comercial Trancoso- Trancoso	Presidente
E16	Câmara Municipal Meda- Meda	Vice Presidente
E17	Comissão Coordenação Desenvolvimento Região Centro- Coimbra	Presidente
E18	Câmara Municipal Almeida	Vereador
E19	Câmara Municipal Sabugal- Sabugal	Presidente
E 20	Núcleo Empresarial Região Guarda- Guarda	Secretário Geral
E21	Administração Regional Saúde - Guarda	Directora
E22	Instituto Politécnico da Guarda	Presidente
E23	Fundação Divulgação Tecnologias Informação	Coordenadora Regional
E24	Câmara Municipal da Guarda	Vereador

Os elementos entrevistados tinham, todos, formação superior à excepção de um e possuíam, no seu conjunto, uma média de idades entre os 40 e 50 anos. Quase todos estavam habituados a utilizar as NTIC e só uma ínfima parte não se sentia “à vontade” para trabalhar com elas, apesar de usufruírem dos seus benefícios, por intermédio de outras pessoas.

A recolha dos dados foi feita através de entrevistas semi-estruturadas cuja estrutura resultou da matriz/referencial de factores críticos de sucesso a que se chegou na fase anterior (análise dos projectos RISI) e que se baseava nos seguintes tópicos: a região perante a SI; a formação dos Recursos Humanos no desenvolvimento da região; projecto de difusão das TIC na região; principais actores/agentes de desenvolvimento na região; abertura a

parcerias, cooperação e partilha experiências; sensibilização e empenho; liderança do projecto; factores de êxito da estratégia de desenvolvimento baseada nas TIC na região.

A realização do trabalho de campo implicou a realização de um périplo por toda a região, tendo as entrevistas sido efectuadas nos meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio de 2004.

Para o tratamento do material recolhido nas entrevistas recorreu-se às técnicas de análise qualitativa, nomeadamente, a análise de conteúdo definida por Bardin (1995, p.42) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” e por Justeau (1976, p.65) como “a selecção e a organização racional de categorias resumindo o conteúdo essencial de um texto”.

4-ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após realizadas as entrevistas procedeu-se à sua análise utilizando a metodologia de análise de conteúdo donde resultaram as seguintes categorias:

Categoria A- A região e a Sociedade da Informação

Nesta categoria pretendia-se saber até que ponto os entrevistados consideravam que a região estava preparada para enfrentar os desafios da SI. Na análise das respostas foram definidas três subcategorias: *Está preparada*; *Não está preparada* e *Está preparada em parte* (respostas que não se enquadram nas categorias anteriores por considerarem que apenas alguns sectores, entidades ou cidadãos estão preparados).

Tabela 2- Contagem de frequências das unidades de registo da Categoria A.

Frequência/subcategorias	Preparada	Preparada em parte	Não preparada	Total
Frequência absoluta	5	13	6	24
Frequência relativa	21	54	25	100

Como se pode constatar na Tabela 2, três quartos dos entrevistados afirmaram que a região “está preparada” ou “está preparada em parte” para enfrentar os desafios da SI. Contudo, mais de metade considera que ela não está totalmente preparada na medida em que só alguns sectores e extractos da população possuem formação adequada e mente aberta para a utilização das NTIC. Dos que afirmaram que a região não está preparada salientam-se as Autarquias, talvez por estas terem um maior contacto com uma diversidade de sectores e cidadãos e um conhecimento mais profundo da realidade da região.

Categoria B- Formação dos Recursos Humanos

Tomando como ponto de partida que a formação dos recursos humanos assume capital importância na sociedade moderna, procurou saber-se se a opinião dos entrevistados ia no mesmo sentido. Apesar de inicialmente se terem definido as subcategorias: *Muito importante* e *Pouco importante*, à medida que a análise das respostas ia avançando, foi necessário redefinir as subcategorias em: *Importante* e *Importante + requisitos* (para as respostas onde é necessário algo mais, i.é algum complemento).

Tabela 3 - Contagem de frequências das unidades de registo da Categoria B.

Frequência/subcategorias	Importante	Importante + requisitos	Total
Frequência absoluta	17	7	24
Frequência relativa	71	29	100

Na Tabela 3 é possível constatar que, não obstante todos os entrevistados considerarem a formação dos recursos humanos essencial ao desenvolvimento de uma região, existe uma parte (cerca de 30%) que entende que não basta a formação, é necessário que haja motivação e incentivo para a mesma. São desta opinião mais de metade das Autarquias entrevistadas, uma Associação e duas Outras Entidades Públicas¹⁵¹, o que pode evidenciar as dificuldades que têm encontrado (por exemplo, no caso concreto das Autarquias, estas têm investido bastante na formação dos seus funcionários e no recrutamento de pessoas com formação superior).

Categoria C- Aposta nas Tecnologias de Informação e Comunicação

Após o conhecimento das opiniões sobre a região e a importância atribuída à formação dos recursos humanos, pretendia-se saber se a necessidade de um projecto de divulgação e formação no âmbito das TIC era sentida na região, nomeadamente nos agentes de desenvolvimento seleccionados. Na análise das respostas definiram-se apenas duas subcategorias: *É necessário*; *Não é necessário*, traduzindo a opinião positiva ou negativa do desenvolvimento do referido um projecto.

Tabela 4 - Contagem de frequências das unidades de registo da Categoria C.

Frequência/subcategorias	É necessário	Não é necessário	Total
Frequência absoluta	20	4	24
Frequência relativa	83	17	100

Na Tabela 4 é visível que um número muito significativo (83%) dos entrevistados defende a necessidade de investir num projecto de divulgação das TIC em toda a região. Para os restantes o entendimento é diferente, por considerarem que falta sobretudo aproveitar ou coordenar os meios e/ou iniciativas já existentes. Quem defende esta posição são duas Autarquias, uma Entidade do Sector Privado, que representa os empresários da região, e uma Outra Entidade Pública que representa os jovens. Esta opinião pode traduzir duas interpretações: por um lado, pode ser entendida de forma positiva, significando que existem e conhecem diversas iniciativas que aproveitaram ou poderão vir a aproveitar com intuito de enriquecer os seus conhecimentos e por outro lado, pode ser entendida de forma negativa, se considerarem que o conhecimento que possuem sobre TIC lhes é suficiente não havendo, assim, vontade de aprender algo mais.

Categoria D- A região e a criação e parcerias

¹⁵¹ Por razões de simplificação de análise adoptou-se a seguinte divisão dos diversos agentes entrevistados em: Autarquias (para todas as Câmaras Municipais); Associações (para Associações de desenvolvimento local/regional e outras associações representantes dos interesses sectoriais, como Associações Comerciais, Núcleo Empresarial, etc); e Outras Entidades Públicas (incluem organismos da Administração Central mas com delegações regionais, como por exemplo, DRABI, IAPMEI, ARS, etc).

A existência de parcerias é indispensável no desenvolvimento de projectos que envolvem diversas entidades. Neste sentido, procurou saber-se junto dos entrevistados se na região havia abertura à criação e ao trabalho em parceria. De acordo com as respostas foram definidas quatro subcategorias: *Região não aberta a parcerias*; *Prática de parcerias*; *Podem criar-se* e *É difícil*. As duas primeiras tentam traduzir uma situação passado/presente quer pelo que tem acontecido na região em geral, quer pela prática seguida pela entidade que cada entrevistado representa, em particular. As duas últimas retractam uma situação de futuro próximo, em que se procura saber o seu pensamento sobre a possibilidade de se virem a concretizar ou não de parcerias no futuro.

Tabela 5 - Contagem de frequências das unidades de registo da Categoria D.

Subcategorias	Frequência absoluta	Frequência relativa
Região não aberta a parcerias	9	38
Prática de parcerias	24	100
Podem criar-se...	14	58
É difícil	10	42

Da análise da Tabela 5, apesar de todos os elementos entrevistados afirmarem que praticam parcerias, nove consideram que a região não tem um espírito aberto à criação das mesmas. Em termos de perspectivas futuras, mais de metade está esperançosa de que as parcerias são possíveis de se desenvolverem apesar de alguns condicionalismos. Esta opinião pode denotar um espírito de empreendedorismo, alargado às Autarquias, às Associações e a Outras Entidades Públicas. Os restantes (42%) podem considerar-se “desistentes” por não acreditarem que seja possível desenvolverem-se parcerias na região. Nestes últimos estão representados de forma idêntica tanto as Autarquias e Associações, como Outras Entidades públicas.

Categoria E- Sensibilização dos intervenientes

Uma boa campanha de Informação e de Sensibilização requer a utilização de um conjunto de meios adequados às características da região e da sua população. Com o intuito de saber quais os mais propícios à região em estudo, foi solicitado aos entrevistados que indicassem aqueles que são mais eficazes e que costumam utilizar quando precisam de divulgar informação relativa à entidade que representam (Tabela 6).

Tabela 6 - Meios utilizados na sensibilização

Formas de sensibilização	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Divulgação de informação através do Pároco das aldeias	15	63
Divulgação de informação nos jornais (locais/regionais)	14	58
Divulgação de informação nas rádios (locais/regionais)	14	58
Divulgação de informação através editais JF	13	54
Distribuição de <i>maillings</i> via CTT	11	46
Cafés, passa palavra	8	33
Sessões de esclarecimento nas Juntas de Freguesia	8	33
Contacto directo, associações	8	33
<i>Outdoors</i> /cartazes,	7	29
Sessões de esclarecimento nas Escolas	6	25

Organização de Conferências a nível regional/fóruns	5	21
Sessões de esclarecimento nas Empresas	3	13
Boletim municipal/agenda cultural	3	13
Demonstrar experiências bem sucedidas	2	8
Salas espera, locais públicos, gabinete apoio ao munícipe	2	8
Páginas institucionais	1	4
Através das crianças	1	4
Animação	1	4
Não é necessário	1	4

Da tabela anterior, fica claro que os meios mais eficazes de fazer chegar a informação às populações é recorrer ao Pároco de cada freguesia, às rádios e jornais (locais/regionais), bem como utilizar os editais nas Juntas de Freguesia. À figura do Padre é associada um elevado grau de confiança, sendo talvez a pessoa exterior às aldeias que mais ligação tem aos seus habitantes, pois trata-se de uma região com população muito dispersa, envelhecida e isolada. No entanto, esta ligação ao Pároco já foi mais intensa do que o é actualmente. A distribuição de *mailings* via CTT também é uma alternativa apreciada e no caso das Autarquias, estas aproveitam a “boleia” da correspondência da factura da água para enviar outras informações. As sessões de esclarecimento nas Juntas de Freguesia também são aconselháveis, assim como as conversas informais nos cafés e o “passa palavra”. Pela análise efectuada denota-se que ainda são os meios tradicionais os mais utilizados.

Categoria F-Trabalhar em conjunto

Além de conhecer o que pensam os entrevistados sobre a abertura da região à criação de parcerias, também se considerou importante saber a sua opinião relativamente à possibilidade ou não de trabalhar em conjunto com os diversos agentes de desenvolvimento por eles identificados, tendo por base, também, as suas experiências. Foram identificadas três subcategorias: *É possível*; *Não é possível* e *Nem sempre* (traduz situações em que só por vezes pode acontecer o trabalho em conjunto, mas não de forma generalizada) (Tabela 7).

Tabela 7 - Contagem de frequências das unidades de registo da Categoria F.

Frequência/subcategorias	É possível	Nem sempre	Não é possível	Total
Frequência absoluta	17	4	3	24
Frequência relativa	71	17	12	100

Só uma pequena parte dos entrevistados (12%) refere que não é possível o trabalho conjunto entre os diversos agentes de desenvolvimento local/regional. A grande maioria (71%) está confiante de que o trabalho conjunto tem possibilidade de acontecer. Nestes estão incluídos seis Autarquias, cinco Associações e cinco Entidades Públicas. Estas opiniões estão em consonância com a tendência verificada anteriormente mas de forma mais acentuada e no sentido positivo, talvez porque agora se estejam a referir a agentes específicos por eles identificados.

Categoria G- Criação de consensos

Quando se trata de lidar com diversas entidades, nem sempre os interesses e/ou objectivos são idênticos. O trabalho conjunto requer, além da participação activa de todos os intervenientes, a obtenção de consensos e o acautelar de conflitos. Com o objectivo de saber quais as formas mais propícias à criação de consensos foi pedido aos entrevistados que, a partir de um conjunto de factores de consenso apresentados, seleccionassem os três que considerassem mais importantes e eficazes (Tabela 8).

Tabela 8 - Factores criadores de consenso os agentes de desenvolvimento local/regional.

Factores de Consenso	Frequência Absoluta¹⁵²	Frequência Relativa
Definição de prioridades	14	58
Reunir, falar, negociar	15	63
Responsabilizar os intervenientes nos projectos	13	54
Bom senso	13	54
Boa análise dos problemas e do futuro	6	25
Empenhamento do sector privado	5	21
Discussão permanente	5	21
Ligações fortes com autoridades regionais	2	8

Destacam-se de forma clara quatro factores que podem ajudar na obtenção de consensos entre os diversos agentes: definição de prioridades, reuniões permanentes, responsabilizar os intervenientes e bom senso. Os restantes também foram apontados mas com frequência mais reduzida.

Categoria H- Factores de motivação

Informar e sensibilizar os intervenientes num processo de desenvolvimento são fases bastante importantes a não descuidar mas que não são suficientes. A participação dos diversos intervenientes deve assumir uma postura activa e motivada para levar o processo “a bom porto”. Neste sentido, procurou-se extrair dos entrevistados quais os factores mais fortes em termos de incentivo e de motivação que os incitavam a participar num processo em prol do desenvolvimento da região. Foi-lhes pedido que, de entre uma lista, identificassem os cinco mais importantes (Tabela 9).

¹⁵² Houve um entrevistado que apontou quatro factores.

Tabela 9 - Factores de motivação dos agentes de desenvolvimento local/regional

Factores de motivação	Frequência Absoluta¹⁵³	Frequência Relativa
Demonstrar os benefícios, com situações reais	21	88
Informar sobre benefícios SI e perigos não adesão à SI	18	75
Aceitação oficial e apoio autoridades locais/regionais	15	63
Informar os objectivos de forma clara	15	63
Identificar os potenciais beneficiados	11	46
Cooperação + debate entre intervenientes até atingir consenso	8	33
Não ter custos para cada interveniente	7	29
Papéis bens definidos para cada interveniente	7	29
Consultas sobre a estratégia a seguir	6	25
Discussões em rede	5	21
Página institucional	3	13
Acreditar de facto num projecto	1	4

Os cinco principais factores de motivação referenciados foram, por ordem decrescente: demonstração dos benefícios; informação sobre benefícios/perigos da adesão/não adesão à Sociedade da Informação; aceitação oficial e apoio das autoridades locais/regionais; informação dos objectivos pretendidos de forma clara e identificação dos potenciais beneficiados.

Categoria I- Factores de êxito

Ao finalizar os encontros foi pedido aos entrevistados que, de uma listagem de factores de êxito de uma estratégia de desenvolvimento regional, identificassem os cinco que considerassem mais importantes. Uma análise às respostas permite identificar os cinco factores seguintes, por ordem decrescente: estratégia adequada à realidade; participação das organizações e população local; criação de parcerias; aposta nos recursos locais e compatibilidade com estratégia de desenvolvimento local. Estas respostas traduzem um sentimento da necessária ligação à realidade local, pois só assim se conseguirá atingir os objectivos e satisfazer as necessidades crescentes ou cada vez mais exigentes das populações (Tabela 10).

¹⁵³ Na realidade, aconteceu que dois entrevistados apenas apontaram três factores; dois entrevistados apontaram quatro factores e três entrevistados apontaram seis factores.

Tabela 10 - Factores de êxito de uma estratégia de desenvolvimento

Factores fundamentais êxito estratégia	Frequência Absoluta¹⁵⁴	Frequência Relativa
Estratégia adequada à realidade local	21	88
Participação das organizações e população local	18	75
Criação de parcerias entre actores regionais	14	58
Aproveitamento de recursos locais	10	42
Compatibilidade com estratégia, Desenvolvimento Regional	9	38
Contactos com experiências de outras regiões	7	29
Financiamento público e privado	7	29
Estratégia orientada para os cidadãos	6	25
Fenómeno colectivo e não um acto isolado	6	25
Estratégia global, abrangendo todas as actividades	6	25
Estratégia flexível	5	21
Participação do sector privado	4	17
Apoio das autoridades regionais	4	17
Estratégia específica só para algumas actividades	3	13
Copiar a estratégia de outra região e adaptação <i>in loco</i>)	1	4

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociedade da Informação é já uma realidade e ninguém pode passar ao lado dos seus efeitos. A expansão da Sociedade da Informação oferece um conjunto infinito de oportunidades para os cidadãos e empresas; para os países e para as suas regiões.

A região da Bacia do Côa é uma região heterogénea que tem vindo a sofrer de desertificação, com população dispersa e envelhecida e com reduzidos níveis de formação, que tem uma diversidade de carências e sofre atrasos de desenvolvimento. O uso sistemático das Tecnologias de Informação e Comunicação é essencial ao desenvolvimento de uma região, mas a região em estudo ainda não está totalmente preparada para enfrentar os desafios da Sociedade da Informação, assistindo-se a uma discrepância entre aldeias e cidades. Esta discrepância está directamente relacionada com a reduzida formação dos recursos humanos e dos cidadãos em geral e que é entendida, pela grande maioria dos agentes entrevistados, como essencial e determinante ao desenvolvimento da região.

O envolvimento dos principais actores regionais de forma activa e motivada requer uma campanha de sensibilização, para informar sobre a Sociedade da Informação e as Tecnologias de Informação e Comunicação, assim como dos seus benefícios. Os meios de divulgação por excelência na região estão ligados à figura do Pároco e do Presidente da Junta de Freguesia, que são vistos como entidades credíveis e os principais intermediários para fazer chegar a informação a quem vive mais isolado. As formas tradicionais de divulgação

¹⁵⁴ Dois entrevistados identificaram apenas quatro factores e em contrapartida três entrevistados identificaram seis factores.

como a imprensa escrita e as rádios local/regional, distribuição de *mailings* via CTT, continuam a ser referidas. A existência do apoio das autoridades oficiais também foi considerada fundamental e, ainda, a perfeita identificação dos objectivos e benefícios, sem esquecer o facto de “o não ter custos”, ou “serem reduzidos”, ser muito importante. Estes factores são possíveis de reunir na região, basta que haja vontade e que não se viva em autarcia.

Apesar das opiniões desfavoráveis no que respeita à abertura da região à criação de parcerias, mais de metade vaticina boas perspectivas para um futuro próximo basta a boa vontade e o bom senso. As principais dificuldades no estabelecimento de parcerias são justificadas, muitas vezes, com a falta da cultura dessa prática e do espírito de cooperação. No entanto, já todos tiveram experiências nessa área e admitem a possibilidade de virem a trabalhar em conjunto, sendo necessário e fundamental a existência de “bom senso, de ponderação e de capacidade de coordenação”.

O principal factor de sucesso afecto a uma estratégia de desenvolvimento de uma região passa pela sua adequação à realidade local onde vai ser implementada. A confirmação deste factor e dos outros apontados pelos entrevistados (participação das organizações e população local, criação de parcerias, aproveitamento dos recursos locais, etc.) compromete a realização de um bom diagnóstico da região para, assim, se poderem definir os objectivos e linhas estratégicas de intervenção mais adequadas à realidade da região e às suas necessidades. A este nível existem já alguns estudos efectuados recentemente sobre a região, se bem que são estudos isolados e que muitas vezes ficam “na gaveta” ou, então, são apenas utilizados por quem os encomendou.

O apoio oficial dado à estratégia e a compatibilidade com o plano de desenvolvimento regional são, também, essenciais para o seu êxito. Apesar da concordância com este pressuposto e ser apontado como fundamental, ainda existe quem manifeste a ausência e/ou desconhecimento de um plano de desenvolvimento regional na região.

BIBLIOGRAFIA

- Bardin, L. (1995): *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Reto e Augusto Ribeiro, Edições 70.
- Bolaño, C.; Melo, R. (2000): “Tecnologias de Informação e de Comunicação e Desenvolvimento Regional”, *Revista de Economia Política das Tecnologias de Informação e Comunicação*, vol. II, nº2, Jul/Ag., pp.63-80.
- CE (1991): *Europa 2000 – Uma visão de conjunto para o desenvolvimento do território da Comunidade*, (COM, 1991).
- CE (1994): *A via Europeia para a Sociedade da Informação*, COM (94) 347 final, SPOCE.
- Helfer, J.; Orsoni, J. (1996): *Marketing*, Edições Silabo, Lisboa.
- INE (2001) : “*Censos 2001-resultados definitivos*”, www.ine.pt.
- Justeau, J. (1976): *Les Techniques d’investigation du Marketing*, Dunod, Paris.
- Maillat D. (1986): “Initiative Locale et Redéploiement de la Région Horlogère Suisse” in Federwisch, Jacques; Zoller, Henry. *Technologie Nouvelle et Ruptures Régionales*, Paris, Económica.
- Patton, M. (1980): *Qualitative Evaluation Methods*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Patton, M. (1990): *Qualitative Evaluation and Research Methods*, Newbury Park, Sage Publications.
- Pires de Lima, M. (1981): *O Inquérito Sociológico- Problemas de Metodologia*, Editorial Presença.
- Strauss, A.; Corbin, J. (1990): *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and technique*, Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Strauss, A.; Corbin, J. (2002): *Bases de la Investigación Cualitativa: Técnicas y Procedimientos para Desarrollar la Teoría Fundamentada*. Editorial Universidad de Antioquia.
- Natário, M.; Braga, A.; Couto, J.; Tiago, M. (2004): “The Adoption of Communication and Information Technologies and the Local Development in Còa’ Region” in 44th *ERSA*, Porto.
- Reis, E.; Moreira, R. (1997): *Estatística Aplicada*, vol.2, Edição Silabo, Lisboa.

CITIES IN COMPETITION

- Sicsú, A.; Melo, L. (2000): “Sociedade do Conhecimento: Integração Nacional ou Exclusão Social?” in Sicsú, A. (2000) *Inovação e Região*. Coleção Neal-1. INICAP.
- Vicente, P.; Reis, E., Ferrão, F. (2001): *Sondagens- A Amostragem como factor decisivo de qualidade*, 2ª Edição, Edições Silabo.
- CE (1995): *Guia das Acções Inovadoras do Desenvolvimento Regional (artigo 10 do FEDER 1995-1999)*, SPOCE, Luxemburgo.
- CE (1996): *De Corfu a Dublin, as Novas Prioridades*, <http://europa.eu.int/scadplus/leg/pt/lvb/12471.htm>.
- CE (1999): *eEurope: Uma sociedade da informação para todos*, COM (1999) 687 final, Bruxelas.
- CE (2000b): *eEurope 2002: Uma Sociedade da Informação para Todos*, COM(2000)330 final, Bruxelas .
- CE (2000c): *Actualização da eEurope*, COM (2000) 783 final.
- CE (2001a): *As Regiões na Nova Economia-* Orientações Relativas às Acções Inovadoras do FEDER para o período 2000-2006, COM (2001) 60 final.
- CE (2002a): *eEurope 2005: Uma sociedade da informação para todos*, COM (2002) 263 final, Bruxelas.
- CE (2003): *Relatório Final sobre o eEurope 2002*, COM (2003) 66 final, Bruxelas.
- http://europa.eu.int/comm/regional_policy/intro/regions10_10_pt.htm
- <http://eu.eu.int/pt/Info/eurocouncil/index.htm>
- <http://info regio.cec.eu>
- <http://www.cisi.mct.pt>
- www.erisa.be/RISI_IRISI/doc